

Em ritmo de eleições

Eduardo Barra

Nossa gestão vai chegando ao fim e vivenciamos mais um processo eleitoral que culminará com a posse do novo Conselho Diretivo em janeiro do próximo ano. Mas, apesar desse tom de fim de festa, todos nós continuaremos trabalhando firme, comprometidos com as intensas atividades programadas pela ABAP para 2009 e, sobretudo, com os preparativos do grande evento que acontecerá em outubro no Rio de Janeiro: o 46º IFLA World Congress, que já desperta o interesse de colegas dos quatro cantos do mundo e contribuirá de forma inequívoca para a consolidação da arquitetura paisagística brasileira.

Nesses momentos de transição costumamos ser assomados pela necessidade de fazer o balanço do que conseguimos realizar, não só no período em que estivemos à frente da entidade, mas desde o começo de tudo, nos idos de 1976. O livro *Arquitetura Paisagística Contemporânea no Brasil* – que a ABAP vem elaborando em parceria com o PROURB-UFRJ desde 2006 e será publicado pela Editora Senac São Paulo – encontra-se em fase final de gestação e se encarregará de discutir, através da produção de nossos associados, o amadurecimento do ofício e a evolução de seu campo de atuação, que incorporou definitivamente, ao longo dessas três décadas, as questões relativas ao ambiente e à interdisciplinaridade.

Além do 46º Congresso Mundial da Federação Internacional de Arquitetos Paisagistas e dos vários passos à frente que a ABAP planeja dar, comemoraremos em 2009 o centenário de nascimento de nosso mestre e membro-honorário Roberto Burle Marx, o grande paisagista do século XX e propulsor de uma mentalidade de total respeito à natureza, que hoje compreendemos ser fundamental.



NESTA EDIÇÃO

Editorial

Pág. 2

Paisagens

Metrópoles, Florestas e Águas:
Um Olhar sobre a Paisagem
da Baixada Santista

Pág. 3

Acontece

Vegetação aplicada ao projeto
de paisagismo

Rumo ao 46º Congresso no
Rio

Pág. 6-7

Biblioteca ABAP

Encuentro de Espacios, Places
and Spaces

Pág. 7

Ao ser convidada para escrever o Editorial desta edição do informativo Paisagem Escrita, procurei rever os números anteriores, desde abril de 2005. Confirmou-se a excelência da atuação do profissional brasileiro e o papel que a ABAP vem exercendo no desenvolvimento e divulgação da profissão da arquitetura paisagística em nosso país e na formação profissional, através de seus inúmeros cursos, sessões técnicas, seminários, coroado em 2006 com o bem sucedido 1º Congresso Internacional da ABAP e com o processo de organização, para 2009, do 46º IFLA e do 2º Congresso Internacional.



Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas

DIRETORIA

(Gestão 2007-2008)

Eduardo Barra - *Presidente*

Fabio Robba - *Vice-Presidente*

Francine Sakata - *Diretora Administrativa*

Claudia Diamant - *Diretora Financeira*

Marcia Nogueira Batista - *Diretora Cultural*

Patrícia Akinaga - *Diretora de Relações Externas*

CONSELHO FISCAL

Elza Niero

Sidney Linhares

Maria Cecília Barbieri Gorski

COMISSÃO CURRICULAR

Paulo Pellegrino

Luciano Fiaschi

Saïde Kahtouni

NÚCLEO RIO DE JANEIRO

Marcia Nogueira Batista - *Coordenadora*

Vera Tângari - *Vice-Coodenadora*

Mônica Bahia Schlee - *Dir. Cultural*

NÚCLEO CAMPINAS

Ana Maria Bovérto - *Coordenadora*

NÚCLEO RECIFE

Luiz Vieira - *Coordenador*

NÚCLEO BELO HORIZONTE

Marieta Cardoso Maciel - *Coordenadora*

PAISAGEM ESCRITA

ANO IV - Nº 08 - OUTUBRO 2008

EDITORIA

Saïde Kahtouni (SP)

Rua Campevas 115 cj. C - Tel.: (11) 3675 7810

Perdizes - São Paulo - SP - CEP 05016-010

www.abap.org.br e-mail abap@abap.org.br

PROJETO GRÁFICO E PRODUÇÃO

PW Gráficos e Editores Associados Ltda.

Ainda em 2006, paralelamente ao 1º Congresso Internacional, tivemos a 1ª Premiação Internacional da ABAP, à qual concorreram trabalhos oriundos de várias regiões do Brasil e da América Latina. É com muita satisfação que vemos acontecer nossa proposta de itinerância da exposição destes trabalhos, que já passou por vários espaços: no Rio, inicialmente na histórica arquitetura da sede do MEC, durante o Congresso Internacional e depois, em junho de 2007, na sede do IAB/RJ; em São Paulo, nos salões da Bienal Internacional de Arquitetura, em outubro de 2007; em Salvador, na FAU/UFBA em maio e junho de 2008, e, em setembro, em Florianópolis, no Curso de Arquitetura e Urbanismo da UniSul.

Tem sido gratificante, também, verificar o permanente estado de alerta de nossos associados na defesa da paisagem, seja em São Paulo, no embate e luta pela preservação da pavimentação com pedra portuguesa no consagrado desenho da Avenida Paulista, ou pelo destino do terreno da TAM, em frente ao aeroporto de Congonhas; em Recife no apoio à população pelo uso do espaço conhecido como Parque Dona Lindu; ou no Rio, ao se posicionar firmemente contra a intervenção proposta para a Marina da Glória no Parque do Flamengo. Vemos assim a ABAP em todos os lugares falando a mesma linguagem, lutando para que a intervenção sobre a paisagem, qualquer que seja a escala de atuação, esteja sempre associada à preservação da natureza e da paisagem cultural já consolidada e significativa.

Em agosto último, tivemos no Rio, encontro memorável de Rosa Kliass e Fernando Chacel, profissionais ilustres, criadores da ABAP, homenageados em nosso Congresso de 2006. Ao apresentarem seus trabalhos mais recentes, puderam discutir as novas ver-

tentes de abordagem da prática projetual dos arquitetos paisagistas. Enquanto argumentavam sobre os significados de cada intervenção, chamavam a atenção para a necessidade de desenvolvimento de uma nova estética, muito mais favorável ao aparente "caos" natural. Chacel, ao nos acompanhar, no dia seguinte ao encontro, ao seu novo projeto para o condomínio Jardim do Lago, em Búzios RJ, onde conseguiu implantar novos conceitos de ocupação, preservação e valorização do ambiente de restinga, mostrou-nos mais uma vez como viabilizar a preservação ambiental juntamente com a intervenção na paisagem, baseando-se no conhecimento científico das dinâmicas ecológicas.

Exemplo desta atuação é o trabalho de Cintia Afonso, apresentado neste número. Ao falar de sua proposta para a paisagem da Baixa da Santista, que engloba urbanização, transformação e conservação, ela sugere novos parâmetros que busquem a preservação dos recursos naturais, objetivando minimizar os danos causados pelos modelos convencionais.

Todos estes projetos confirmam que no momento, o que se afigura é a integração dos olhares do meio ambiente e da cultura sobre a paisagem, ou seja, a compatibilização da aplicação das legislações ambiental, cultural e urbanística na intervenção na paisagem.

Assim, o arquiteto paisagista se valerá cada vez mais das demandas que os conceitos, normas e diretrizes da legislação ambiental lhe fornecem hoje, aplicando-os de forma associada aos princípios urbanísticos adotados em cada área e aos novos preceitos que a preservação do patrimônio cultural e natural lhe proporciona. E estes novos conceitos tornarão nossa profissão ainda mais interdisciplinar.

Marcia Nogueira Batista

Metrópoles, Florestas e Águas: Um Olhar sobre a Paisagem da Baixada Santista

Cíntia Maria Afonso

Os conflitos na zona costeira brasileira

A partir da segunda metade do século XX, às aglomerações urbanas litorâneas com seus portos e complexos industriais passaram a conjugar-se extensos setores balneários que se expandiram junto às praias num processo contínuo. Assim, às regiões metropolitanas, de caráter concentrador e pontual, acresce-se uma urbanização extensiva que se desenvolve linearmente junto às praias, relacionada primordialmente com o lazer.

Como decorrência dos processos sociais estruturadores das áreas urbanas costeiras surge ainda um aspecto peculiar da urbanização brasileira no litoral: a favelização. A organização das funções urbanas nas áreas costeiras está intimamente ligada a processos socioeconômicos como acesso privilegiado dos setores hegemônicos da sociedade às terras melhor localizadas e aos terrenos mais adequados à urbanização, com a conseqüente localização da classe de baixa renda a seu serviço nos setores urbanos pouco valorizados, geralmente distantes do centro urbano ou sobre áreas legalmente protegidas. Nesses locais se instalam e continuamente se expandem bairros residenciais pobres, carentes de infra-estrutura como arruamento, água e esgoto, constituídos por sub-habitações.

Paradoxalmente, apesar de ter sido a zona costeira a primeira porção do território brasileiro a ser colonizada é também no litoral que ainda hoje se concentram extensas áreas de Mata Atlântica e de ecossistemas a ela associa-

dos, como manguezais e matas de restinga, que abrigam uma das maiores biodiversidades do planeta.

No início do século XXI, quando a conservação das florestas tropicais é questão discutida em nível mundial, a pressão urbana sobre esses ecossistemas adquire importância já que as áreas urbanas expandem-se sobre os remanescentes florestais modificando topografia, quantidade de vegetação e permeabilidade do solo, eliminando completamente os ecossistemas costeiros ou degradando-os através da perda de diversidade devido à contaminação decorrente dos processos urbanos e industriais.

A contaminação das águas é especialmente crítica na zona costeira, já que esta é a área de interface entre o transporte de água, nutrientes e sedimentos terrestres e marinhos, tornando-se ainda mais crítica nos estuários devido aos padrões especiais de circulação das águas que retêm efluentes tóxicos e orgânicos. Acrescenta-se como agravante o fato de praias, manguezais, rios e águas estuarinas serem bens comuns, sujeitos basicamente a controle público (que sem fiscalização são "terras sem dono"), formando-se assim o quadro de conflitos entre o processo de ocupação e os processos naturais.

Portos, indústrias e bairros residenciais são necessários à manutenção dos processos sociais, econômicos e culturais. No entanto, conservar florestas e manter a qualidade das águas e do ar também é necessário, já que os processos naturais também sustentam a vida humana, fornecendo água e alimentos ou regulando o clima. Como então urbanizar e ao mesmo tempo conservar a dinâmica natural?



O caso da Baixada Santista

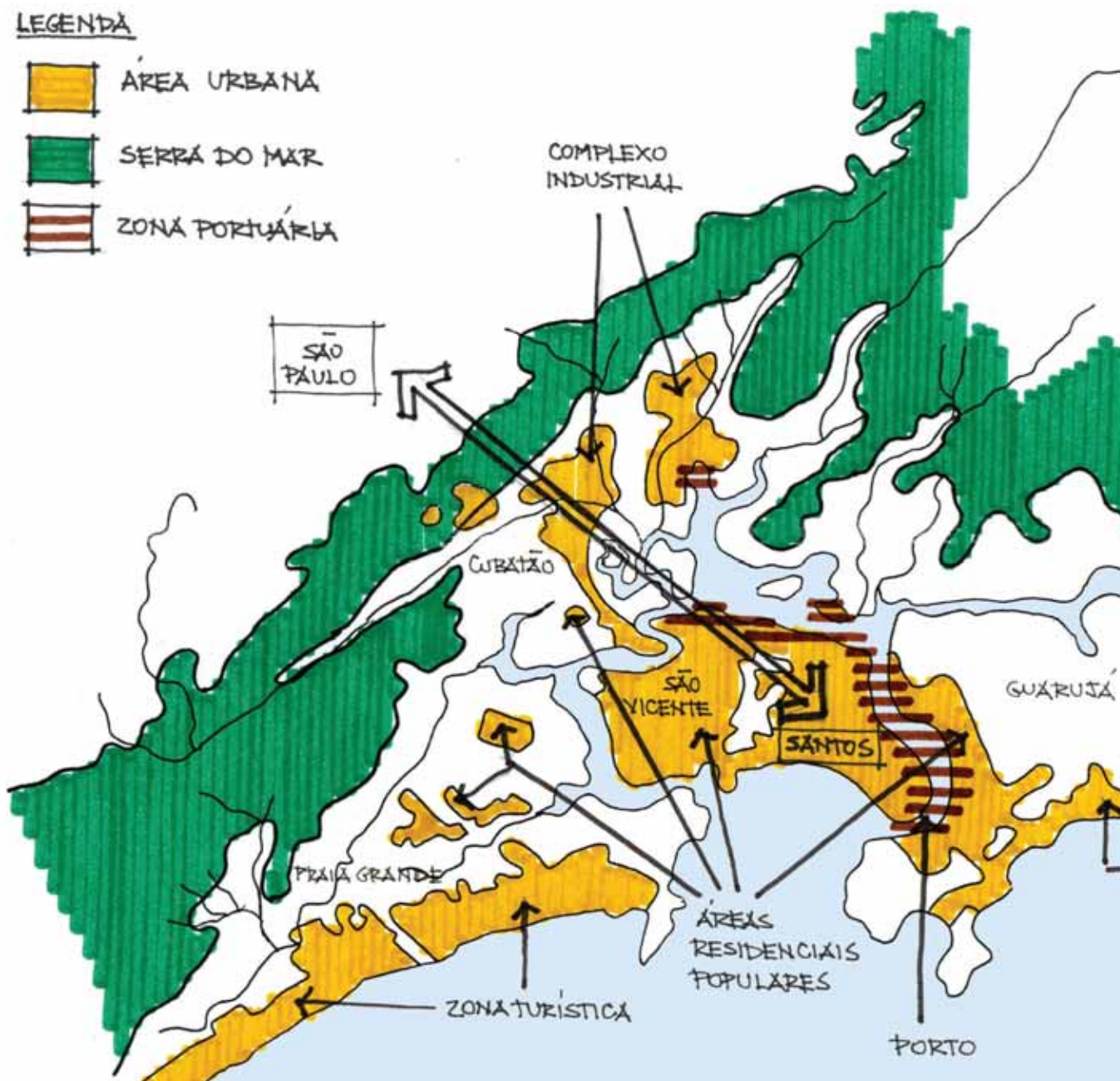
O princípio geral que define zona costeira como a área de transição ou interação entre mar e terra faz com que seus limites não sejam geograficamente rígidos, existindo um limite estrito que abrange as zonas de maré como manguezais, praias e dunas, estuários e o baixo curso dos rios sob influência das marés. Um segundo limite, mais abrangente, compreende as áreas de influência das zonas de maré e inclui a drenagem terrestre, as terras adjacentes e as águas costeiras. Em muitas áreas costeiras, no entanto, estes parâmetros não são suficientes para estabelecer a delimitação costeira e têm sido adotados critérios sociais ou administrativos.

No Estado de São Paulo, a presença marcante da Serra do Mar constitui-se em divisor natural entre a drenagem atlân-

tica e o sistema hidrográfico do planalto, configurando uma zona costeira estreita com pequena planície sedimentar só alargada ao sul, no vale do único rio costeiro de maior porte – o Rio Ribeira de Iguape.

Esta configuração e a baixa adequação das terras à agricultura fizeram com que a zona costeira paulista fosse superada pelo planalto para os assentamentos urbanos coloniais. As vilas fundadas no início da colonização europeia permaneceram funcionando como ligações entre o interior produtivo e Portugal. Subsistiam por conta de seus portos, principal elo de conexão de pessoas e mercadorias entre Brasil e Europa.

Esta organização urbana em pequenos núcleos portuários modificou-se com a construção da ferrovia São Paulo Railway, no final do século XIX, que uniu São Paulo a Santos (a melhor e mais próxima saída portuária para a cidade



de São Paulo) favorecendo economicamente toda a Baixada Santista. A partir de então esta região urbanizou-se de modo intimamente ligado ao desenvolvimento da cidade de São Paulo e interior, inicialmente com o incremento de atividades portuárias e comerciais ligadas à cultura cafeeira e posteriormente complementando o parque industrial paulista com o complexo petroquímico e siderúrgico de Cubatão. Este processo, vinculado à melhoria dos meios de transporte, favoreceu a Baixada Santista em detrimento do restante do litoral que permaneceu à margem do processo de urbanização até que a busca das praias para o lazer modificasse este quadro.

A partir da década de 1950, um intenso processo de parcelamento do solo e construção de segundas residências associado à expansão da rede rodoviária estadual urbanizou a planície litorânea junto ao mar, transformando dunas e restingas em um contínuo urbano linear que se estende por muitos quilômetros junto às praias, só interrompido por obstáculos geográficos como morros e manguezais.

Assim como em toda a zona costeira, na Baixada Santista a distribuição da urbanização está diretamente vinculada ao processo de valorização da terra urbana e de sua distribuição pelos diferentes segmentos da sociedade. No entanto, a configuração física regional estabelece condições específicas, favorecendo ou limitando as possibilidades de expansão urbana.

Na região, a Serra do Mar se apresenta com a forma de anfiteatro envolvendo uma pequena planície que abriga um complexo estuarino. Os rios costeiros, principais meios de drenagem e transporte de material terrestre, são pouco extensos e suas nascentes se localizam na Serra do Mar, a barreira natural entre o planalto e a planície litorânea.

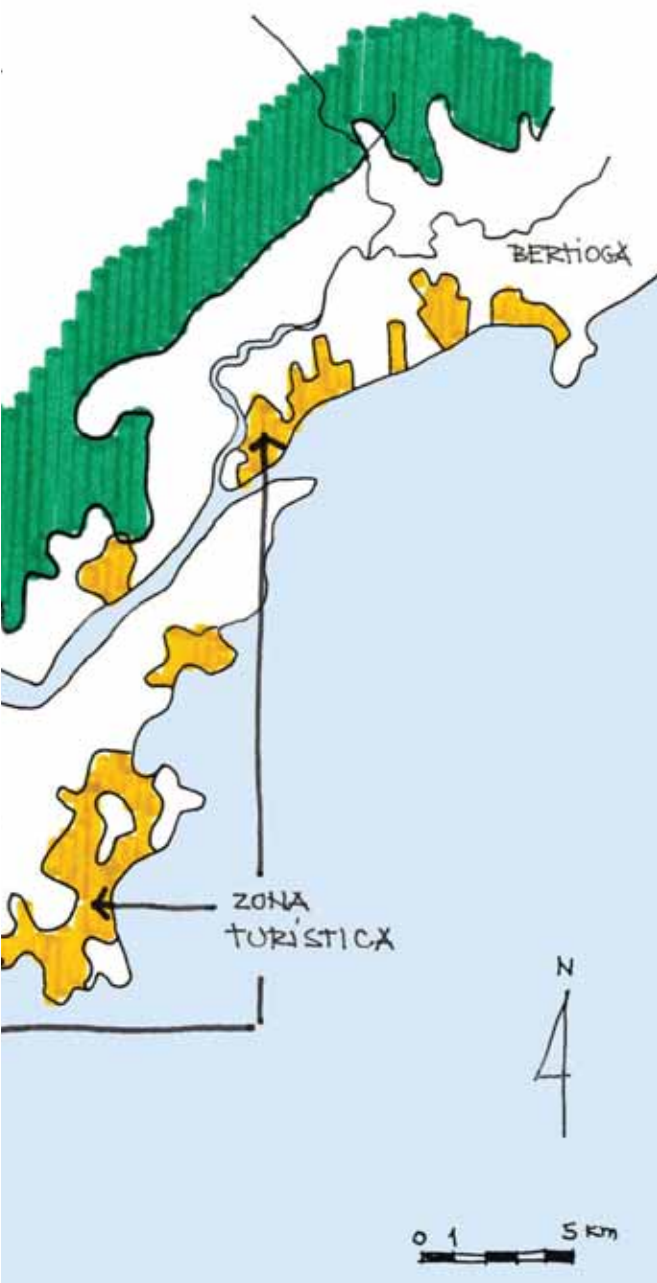
Esta configuração física permitiu que extensas áreas florestadas fossem mantidas, principalmente localizadas nas porções territoriais mais desfavoráveis à urbanização como as áreas íngremes da Serra do Mar, os manguezais situados junto aos canais estuarinos e as áreas cobertas por vegetação de restinga situadas no interior da planície litorânea, distantes das praias, da faixa costeira já urbanizada e dos principais eixos de urbanização. Assim, 40,3% da área da Baixada Santista ainda é ocupada por Mata Atlântica, 10,6% por vegetação de restinga e 8,8% por manguezais.

No entanto, a expansão urbana pressiona constantemente os remanescentes florestais, já que este processo é baseado em padrões de urbanização incompatíveis com a existência de vegetação nativa, levando à transformação radical da dinâmica natural e da paisagem.

Além da transformação direta, a urbanização também provoca efeitos indiretos sobre os sistemas naturais regionais.

Poluição do ar, contaminação das águas por lançamento de efluentes domésticos ou industriais e disposição de resíduos sólidos são problemas frequentes nas aglomerações urbanas da Baixada Santista. Esses distúrbios agravam-se com a barreira física constituída pela Serra do Mar e com a urbanização das ilhas e margens dos canais estuarinos. Os gases produzidos no complexo industrial de Cubatão e lançados junto das encostas da Serra do Mar têm extrema dificuldade para dispersão já que a Serra barra os ventos predominantes e os poluentes ficam retidos na porção interior da planície costeira, motivando os conhecidos problemas de saúde na população de Cubatão e os escorregamentos na Serra do Mar. Também o padrão de circulação das águas no estuário não favorece a exportação dos efluentes lançados em suas águas provenientes das indústrias ou áreas urbanas próximas ao estuário, que ficam retidos até que se depositem no fundo dos canais ou manguezais.

Assim, configura-se um estado de crise ambiental crônica na Baixada Santista: grande quantidade de áreas florestadas; pressão urbana sobre essas áreas, com implantação de um padrão de assentamento que exige transformação total das características locais; poluição do ar, dos rios e das águas estuarinas e costeiras por efluentes domésticos e industriais.



Vegetação Aplicada ao Projeto de Paisagismo

Quando o arquiteto se vê projetando áreas externas, utilizando a vegetação como material de construção, toma-se do desejo de conhecer melhor as plantas e, em seguida, da ambição de um dia manejá-las como se não lhe guardassem mais mistérios. Mas dominar todo o reino vegetal é uma grande pretensão. Como poderia, então, o arquiteto, que foi afastado da biologia e da química nos seus estudos na graduação, reaproximar-se destas disciplinas e ganhar mais e mais intimidade com a vegetação?

Há doze anos a ABAP havia promovido o curso *Vegetação Aplicada ao Projeto de Paisagismo*, muito elogiado por aqueles que o frequentaram. Era tempo de reeditá-lo. Para a versão 2008, foram contactados profissionais da área de botânica, engenheiros agrônomos, produtores e arquitetos paisagistas experientes que pudessem, em 30 horas, oferecer recortes valiosos deste tema a profissionais da arquitetura paisagística.

José Rubens Pirani, professor do Instituto de Biociências da USP, apresentou alguns grupos botânicos – com ênfase nas angiospermas – e os atributos fundamentais para a identificação de famílias e espécies de plantas: folhas, flores e frutos. Além disto, Pirani trouxe à luz o trabalho árduo dos taxonomistas. O inventário florístico e as atividades dos herbários são de extrema importância para o país.

Para os arquitetos paisagistas, o conhecimento das famílias botânicas ajuda a conhecer as plantas por similaridade. Arnaldo Rentes, arquiteto paisagista, apresentou as arbustivas também por famílias. Rentes defendeu que, da mesma forma que existem árvores pioneiras e não-pioneiras (segundo conceitos da dinâmica das florestas tropicais), existem plantas arbustivas com tais características. As arbustivas pioneiras crescem rápido, têm floração abundante, custo mais baixo mas não são muito apropriadas para vasos porque as raízes logo encontram seu limite. As não-pioneiras são opostas: crescem mais lentamente, com a madeira mais dura, e costumam tolerar ou até apreciar alguma sombra. Estas e outras experiências com plantas ao longo de muitos anos de trabalho devem ser publicadas em breve.

A vegetação dos campos rupestres, característica de altitudes superiores a 900 m ao longo da Cadeia do Espinhaço, pelos estados de Minas Gerais

e Bahia, foi apresentada por Paulo Sano, também do IB-USP. Jorge Sakai, da Promoverd, valorizou as palmeiras e André Bailone, da Itubanaia, expôs as plantas aquáticas, com destaque para a vitória-régia, que ele aprendeu a reproduzir. Tudo na vitória-régia é interessante: sua morfologia, seu ciclo de vida e até sua multiplicação.

Oscar Bressane, que participou das expedições de Burt Marx de 1978 a 1983, apresentou os ecossistemas brasileiros e acabou por expor a importância do envolvimento emocional com a natureza, do trabalho e da responsabilidade do projetista com a flora e a fauna. Luciano Fiaschi mostrou projetos de seus escritórios em que a paisagem foi elegantemente respeitada e Silvio Macedo, da FAUUSP, defendeu o uso da vegetação nas cidades brasileiras. Em um país tropical como o nosso, a vegetação deve ter um papel estrutural, tanto por suas características morfológicas como por sua contribuição na melhoria ambiental.

Foi recorrente nas disciplinas a questão da diversidade florística brasileira e a importância de sua utilização, visando inclusive à sua preservação. O uso das espécies nativas para conservação da biodiversidade foi tema da apresentação de Marcelo Guena, biólogo, diretor da Coordenação de Flora Ameaçada, do Ministério do Meio Ambiente. Guena situou o setor de serviços de projetos paisagísticos dentro da cadeia produtiva do país. Ao mesmo tempo em que a urbanização – produto do conjunto de toda a sociedade – representa uma ameaça à biodiversidade brasileira, existem possibilidades concretas para contribuir para a conservação da flora nativa. Nosso setor, além de respeitar as regras de uso e ocupação do solo e a legislação ambiental, deve implementar a utilização de produtos de origem sustentável, recuperar a vegetação e a paisagem locais, combater espécies invasoras e priorizar a produção e uso de nativas.

A utilização das espécies nativas requer cuidados. Há espécies que não são bem conhecidas e não estão adaptadas a ambientes construídos. O estímulo ao uso pode gerar um extrativismo predatório de: sementes, mudas e outras unidades de multiplicação. Apesar das dificuldades, o uso de nativas permite estimular a pesquisa sobre nativas; recuperar e preservar a biodiversidade em vários níveis e é um meio necessário

para o desenvolvimento de várias outras estratégias de conservação.

Sidney Linhares e Elaine Biella nos trouxeram exemplos de progressivos avanços no uso de espécies de mangue e restinga que vêm presenciando e protagonizando. Em projetos de seu escritório lutaram com a resistência a realizar o cultivo e o transplante de espécies botânicas destes ecossistemas e valorizam-nas através do uso ornamental. Para eles, ampliar o conhecimento popular sobre a vegetação é fundamental para sua preservação.

Reunir esta equipe de professores e divulgar seu conhecimento foi um privilégio para a Abap. Além dos novos conhecimentos (em áreas como taxonomia, biodiversidade e mercado), foram consolidadas práticas de composição da vegetação e foi aberto espaço para novos interesses, estudos e viagens. As lições de Walter Doering, em uma visita à Casa da Árvore, em Tatuí, fecharam o curso.

De fato, mais encantador que acumular conhecimentos sobre plantas, foi conhecer todas estas pessoas, que dedicam suas vidas às muitas ciências da terra, e acabar prazerosamente convencido a promover a natureza muito antes de dominá-la.

Professores do curso, edição 2008:

Diversidade vegetal e taxonomia • **José Rubens Pirani** (IB USP) • Uso da vegetação em projetos paisagísticos • **Luciano Fiaschi** (ABAP) • Palmeiras • **Jorge Sakai** (Promoverd) • As formas da vegetação e suas composições • **Silvio Macedo** (FAUUSP) • Recuperação de Ecossistemas e Vegetação de Restinga e Mangue • **Sidney Linhares** e **Elaine Biella** (ABAP) • O uso das espécies nativas para conservação da biodiversidade • **Marcelo Guena de Oliveira** (Instituto Chico Mendes/MMA) • Campos rupestres • **Paulo Sano** (IB USP) • A vegetação de Roberto Burt Marx • **Oscar Bressane** (ABAP) • Gramados • **Acácio de Godói** (Itogress) • Manutenção da vegetação • **Cyra Malta Olegário** (DEPAVE) • Preparo do solo e nutrição • **Claudio Golombek** • A Vegetação Arbustiva em Paisagismo • **Arnaldo Rentes** • Plantas aquáticas • **André Bailone** (Itubanaia) • Árvores • **Walter Doering** (Casa da Árvore).

Francine Sakata

Rumo ao 46º Congresso no Rio

Estamos trabalhando este ano na organização do 46º Congresso Internacional da IFLA, que acontecerá no Rio de Janeiro, entre 21 e 23 de outubro de 2009, com o apoio logístico e promoção da empresa *SIQ Marketing*, sob orientação técnica da diretoria, conselheiros, numa realização conjunta ABAP-IFLA.

A Federação Internacional de Arquitetos Paisagistas – IFLA, com sede em Versalhes, França, foi oficialmente fundada em 1948, com seu primeiro encontro em Cambridge, Reino Unido. É a entidade mundial que representa os arquitetos paisagistas, e tem como parceiros a UNESCO/ICOMOS, ONU/HABITAT, UIA, IUCN. Como a entidade responsável pela organização dos Congressos Mundiais de IFLA, teve realizados estes últimos eventos em: Appeldorn / Holanda (2008); Kuala Lumpur / Malásia (2007); Minneapolis / EUA (2006), Edimburgo/ Reino Unido (2005).

O próximo Congresso terá como tema central:

Infra-Estrutura Verde: Paisagens de Alto Desempenho, que será desenvolvido a partir de três eixos:

- 1. Sustentabilidade Ambiental:** planos e projetos paisagísticos com ênfase em Certificação Ambiental/LEED; cidades e mudanças climáticas, compensações ambientais, repovoamento vegetal e seqüestro de carbono, Economia de Energia e conforto, proteção de enchentes, conservação e tratamento das águas urbanas; remediação de áreas contaminadas.
- 2. Sustentabilidade Social:** planos e projetos que tratam da mobilidade urbana, sistemas de espaços livres públicos, saúde pública, recreação e lazer, patrimônio paisagístico-ambiental.
- 3. Sustentabilidade Econômica:** planos e projetos que garantam a recuperação de áreas urbanas centrais e demais áreas deprimidas, retrofit de espaços urbanos, valorização urbana, segurança pública e proteção a riscos urbanos, prestação de serviços ambientais, tributação fundiária, fomentos e subsídios, tecnologias alternativas.

Consultem o site da ABAP (www.abap.org.br) para maiores informações sobre o evento e garanta já a sua inscrição!

SOCIEDAD DE ARQUITECTOS PAISAJISTAS DE MEXICO ENCUENTRO DE ESPACIOS, PLACES AND SPACES ARQUITECTURA DE PAISAJE MEXICANA SAPM / TOPOS, 2006 / MÉXICO

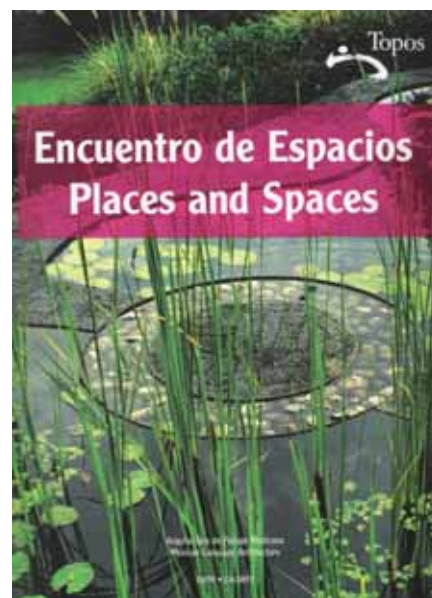
A publicação desta coletânea de projetos, a primeira elaborada pela Sociedad de Arquitectos Paisajistas de México, representa bela amostra das atividades profissionais desenvolvidas num país marcado por significativa carga histórica e fortes sobreposições culturais resultantes em suas paisagens e rememora os trinta e cinco anos de fundação desta associação, que assinala dentre os diversos fundadores, a presença de Luis Barragán.

Logo à primeira parte encontramos uma visão retrospectiva dos jardins mexicanos, que parte da fundação de Tenochtitlan, a cidade asteca construída sobre o grande lago em 1315, que origina a atual capital. Do gesto de posse e execução de canais e ruas retilíneas, a marca de uma cultura memorável, ainda presente. Sob o poder de Montezuma não só o arruamento, mas grandes edifícios, palácios e jardins, conservando ainda, desde aquele tempo o bosque de Chapultepec, habitat de preciosa caça...

Depois, a paisagem característica do trabalho agrícola e de suas relações com as águas e que está historicamente presente nas regiões de e Tláhuac. A primeira, Xochimilco, considerada patrimônio da humanidade pela UNESCO.

Destacando também as posteriores intervenções dos colonizadores europeus sobre os antigos jardins pré-colombianos e a criação de novos, os autores deste capítulo inicial, Desireé Martinez e Saul Ancantara, percorrem alguns séculos, buscando e demonstrando as conexões entre a arquitetura hispânica, os resquícios dos povos autóctenes e a natureza, concluindo que há ainda muito a identificar, catalogar e preservar, apesar da lei federal mexicana sobre monumentos e zonas arqueológicas, artísticas e históricas ter sido criada em 1972.

A partir deste panorama, a restauração dos jardins do Alcazar de Chapultepec, trabalho realizado com a participação dos alunos da UAM – Universidad Autónoma e Metropolitana



na e o INAH - Instituto Nacional de Antropologia e Historia é apresentada no texto de Saul Alcântara e Lorenza Tovar.

Cerca de trinta projetos de qualidade e importância indiscutível são apresentados ao longo da coletânea, em grande maioria pelos próprios autores, com exceção dos jardins da casa Ortega (1941), a primeira casa modernista a ser construída pelo arquiteto Luis Barragán. Neste caso, texto e imagens atuais foram cuidadosamente produzidos pelos colegas Mario Schjetnan G., Desireé Martinez U. e Laura Alonso L. a partir de pesquisas que resgataram os relatos do autor, que registram a influência dos jardins mouros espanhóis de Alhambra e Generalife sobre a sua forma de pensar e criar os espaços deste jardim, que se acomodou às configurações originais do terreno com seus pátios e espelhos d'água, profícuos à contemplação. A biblioteca da ABAP possui um exemplar desta obra, vale a pena conferir!

Saide Kahtouni
Arquiteta e urbanista, doutora e mestre FAUUSP.

Super NGK Pastilhas de Porcelana

A NGK, conhecida por sua liderança na produção de Velas de ignição no segmento automotivo é também uma das principais fabricantes de revestimentos porcelanizados do Brasil, as pastilhas Super NGK.

Com mais de 100 cores e diferentes padrões, são várias as opções em pastilhas de porcelana com diversas aplicações, que vão desde o uso em fachadas de edifícios até a aplicação em interiores compondo espaços diversos, pisos, paisagismo, e piscinas.

No segmento de piscinas, a Super NGK possui uma gama completa de produtos, possibilitando diversas combinações tirando partido de paginações com desenhos variados até a composição de miscelâneas e borders.

As pastilhas Super NGK são referência de acabamento e desempenho técnico com as pastilhas antiderrapantes. Disponíveis nas cores idênticas aos padrões com brilho da Linha Náutica NGK, a linha antiderrapante é ideal para aplicação em "praias", piscinas infantis e decks molhados, sendo o grande diferencial o fator segurança.

Além disso, a empresa possui certificação da ISO 14001 que enaltece o seu respeito pelo meio ambiente.



O Revestimento Classe A

Cerâmica e Velas de Ignição NGK do Brasil
Departamento de Vendas de Pastilhas
Tel./Fax: 11 4793-8280 / 4793-8269
Site: www.ngkntk.com.br

Texto:
Arq. Marina H. Yoshida / Arq. Wilson Santos



Oásis SPA & Home Resort - arq. Benedito Abbud

Fotos Ronaldo Rizzutti



Residência Paulo Matos

Edifício Palazzo Mustique - arq. Benedito Abbud



SÓCIOS COLABORADORES



O Revestimento Classe A



Pedras Belas Artes Ltda

